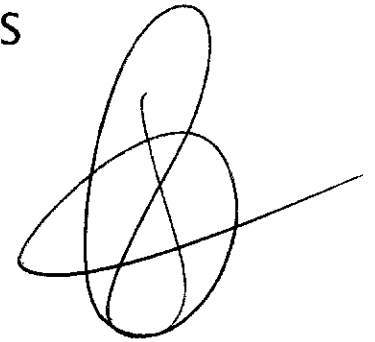


coleção TRANS



Gilles Deleuze

DOIS REGIMES DE LOUCOS

Textos e entrevistas (1975-1995)

Edição preparada por David Lapoujade

Tradução de Guilherme Ivo

Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi

*Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2013
Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France,
bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.*

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicações 2013
Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France,
contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.



INSTITUT
FRANÇAIS
BRASIL

editora ■ 34

EDITORIA 34

Editoria 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editoria34.com.br

Copyright © Editoria 34 Ltda. (edição brasileira), 2016

Deux régimes de fous © Les Éditions de Minuit, Paris, 2003

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA

APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Título original:

Deux régimes de fous: textes et entretiens (1975-1995)

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão técnica:

Luiz B. L. Orlandi

Revisão:

Alberto Martins, Camila Boldrini, Beatriz de Freitas Moreira

1ª Edição - 2016

CIP - Brasil, Catalogação-na-Fonte

(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

D390d Deleuze, Gilles, 1925-1995
Dois regimes de loucos: textos e entrevistas
(1975-1995) / Gilles Deleuze; edição preparada por
David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo;
revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo:
Editoria 34, 2016 (1ª Edição).
448 p. (Coleção TRANS)

ISBN 978-85-7326-635-1

Tradução de: *Deux régimes de fous*

I. Filosofia. I. Lapoujade, David. II. Ivo,
Guilherme. III. Orlandi, Luiz B. L. IV. Série.

CDD - 190

DOIS REGIMES DE LOUCOS

Textos e entrevistas (1975-1995)

Nota do tradutor.....	9
Apresentação, <i>David Lapoujade</i>	11
1. Dois regimes de loucos.....	15
2. Esquizofrenia e sociedade.....	22
3. Mesa-redonda sobre Proust.....	35
(4) A propósito do departamento de psicanálise em Vincennes (com Jean-François Lyotard)	63 ✓
(5) Nota para a edição italiana de <i>Lógica do sentido</i>	66 ✓
6. Porvir de linguística.....	70
7. Sobre <i>O misógino</i>	75
8. Quatro proposições sobre a psicanálise	82
9. A interpretação dos enunciados (com Félix Guattari, Claire Parnet e André Scala)	91
10. A ascensão do social.....	118
11. Desejo e prazer.....	127
12. O judeu rico	139
(13) A propósito dos novos filósofos e de um problema mais geral.....	143 ✓
(14) O pior meio de se fazer a Europa (com Félix Guattari)	154
15. Duas questões sobre a droga	158
16. Tornar audíveis forças não-audíveis por si mesmas	163
17. Os que estorvam	169
18. O lamento e o corpo	172
19. Em quê a filosofia pode servir a matemáticos ou mesmo a músicos — mesmo e sobretudo quando ela não fala de música ou de matemática.....	174
20. Carta aberta aos juizes de Negri.....	177
21. Esse livro é literalmente uma prova de inocência.....	182
22. Oito anos depois: entrevista de 80.....	184
23. A pintura inflama a escrita	189
24. <i>Manfred</i> : uma extraordinária renovação	195

artísticas de Félix, sobre Balthus, [358] sobre Fromanger, ou análises literárias, como o texto essencial sobre o papel dos ritornelos em Proust (do grito dos comerciantes à pequena frase de Vineteuil), ou o texto patético sobre Genet e o *Cativo apaixonado*.

A obra de Félix está para ser descoberta ou redescoberta. É uma das maneiras mais bonitas de manter Félix vivo. O que há de dilacerante na lembrança de um amigo morto são os gestos e os olhares que ainda nos alcançam, que nos chegam mesmo depois de ele ter desaparecido. A obra de Félix dá a esses gestos e a esses olhares uma nova substância, um novo objeto, capazes de nos transmitir a força deles.

O que é um campo transcendental? Ele se distingue da experiência, enquanto não remete a um objeto nem pertence a um sujeito (representação empírica). Por conseguinte, apresenta-se como pura corrente a-subjetiva de consciência, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da consciência sem eu [*moi*]. Pode parecer curioso que o transcendental se defina por tais dados imediatos: falar-se-á de empirismo transcendental, por oposição a tudo o que faz o mundo do sujeito e do objeto. Há algo de selvagem e de poderoso num empirismo transcendental como este. Não é, certamente, o elemento da sensação (empirismo simples), pois a sensação é apenas uma cortagem na corrente de consciência absoluta. É antes, por mais próximas que estejam duas sensações, a passagem de uma à outra como devir, como aumento ou diminuição de potência (quantidade virtual). Sendo assim, será que é preciso definir o campo transcendental pela pura consciência imediata sem objeto nem eu, enquanto movimento que não começa nem termina? (Até mesmo a concepção espinosista da passagem ou da quantidade de potência apela à consciência).

* *Philosophie*, n° 47, setembro de 1995, pp. 3-7.

Trata-se do último texto publicado por Deleuze antes que ele tirasse a própria vida, no dia 4 de novembro de 1995. A continuação deste texto foi publicada em anexo na reedição de bolso dos *Dialogues* (com Claire Parnet), Paris, Flammarion, col. "Champs", 1996. Esses textos pertenciam a um projeto sobre "Conjuntos e multiplicidades", do qual constam apenas esses dois textos. Deleuze queria, com isso, aprofundar o conceito de virtual, sobre o qual estimava ter se explicado pouco.

Porém, o entrelace do campo transcendental com a consciência é somente de direito. A consciência só devém um fato caso um sujeito seja produzido ao mesmo tempo que seu objeto, ambos fora do campo e aparecendo como “transcendentes”. Ao [360] contrário, enquanto a consciência atravessa o campo transcendental a uma velocidade infinita, difusa por toda parte, nada há que a possa revelar.¹ De fato, ela se exprime apenas ao se refletir sobre um sujeito que a remete a objetos. Eis por que o campo transcendental não pode se definir por sua consciência, que embora sendo-lhe coextensiva, subtrai-se contudo a qualquer revelação.

O transcendente não é o transcendental. Na falta de consciência, o campo transcendental se definiria como um puro plano de imanência, já que escapa a qualquer transcendência do sujeito, assim como do objeto.² A imanência absoluta é em si mesma: ela não está em algo, *a* algo, não depende de um objeto e não pertence a um sujeito. Em Espinosa, a imanência não é *à* substância, mas a substância e seus modos estão na imanência. Quando o sujeito e o objeto, que tombam para fora do plano de imanência, são tomados como sujeito universal ou objeto qualquer *aos quais* a própria imanência é atribuída, é toda uma desnaturação do transcendental que nada mais faz além de dobrar o empírico (é assim em Kant), e uma deformação da imanência, que se acha, então, contida no transcendente. A imanência não se entrelaça a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência já não é imanência a outra coisa que não a si que se pode falar de um plano de imanência. Assim como o campo transcendental não se define pe-

¹ Bergson, *Matière et mémoire*: “[...] como se refletíssemos sobre as superfícies a luz que delas emana, luz que, sempre se propagando, nunca havia sido revelada”, *Oeuvres*, PUF, p. 186.

² Cf. Sartre, *La Transcendence de l'ego*, Paris, Vrin [1936]: Sartre fixa um campo transcendental sem sujeito, que remete a uma consciência impessoal, absoluta, imanente: relativamente a ela, o sujeito e o objeto são “transcendentes” (pp. 74-87). — Sobre James, cf. a análise de David Lapoujade, “Le Flux intensif de la conscience chez William James” [O fluxo intensivo da consciência em William James], *Philosophie*, n° 46, junho de 1995.

la consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de contê-lo.

Dir-se-á da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada além disso. Ela não é imanência *à* vida, mas a imanência que em nada é, ela própria é uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência, beatitude completas. É na medida em que ultrapassa as aporias do sujeito e do objeto que Fichte, em sua última [361] filosofia, apresenta o campo transcendental como *uma vida*, que não depende de um Ser e não está submetido a um Ato: consciência imediata absoluta cuja atividade mesma já não remete a um ser, mas que não cessa de se colocar numa vida.³ O campo transcendental devém, então, um verdadeiro plano de imanência que reintroduz o espinosismo no mais profundo da operação filosófica. Não seria uma aventura semelhante o que sobrevinha a Maine de Biran, em sua “última filosofia” (aquela que ele estava cansado demais para levar a cabo), quando ele descobria sob a transcendência do esforço uma vida imanente absoluta? O campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência por uma vida.

O que é a imanência? uma vida... Ninguém melhor que Dickens contou o que é *uma* vida, ao considerar o artigo indefinido como indicio do transcendental. Um canalha, um sujeito ruim, desprezado por todos, é recolhido morrendo e, aqueles que estão cuidando dele, eis que manifestam um tipo de desvelo, de respeito, de amor para com o menor signo de vida do moribundo. Todo mundo se precipita para salvá-lo, a ponto de o próprio vilão sentir, no mais profundo de seu coma, algo de doce a penetrá-lo. Porém, à medida que retorna à vida, seus salvadores ficam mais frios e ele reencontra toda a sua grosseria, sua maldade. Entre sua vida e sua morte, há um momento que nada mais é do que *uma* vida jogan-

³ Já na segunda introdução à *Doctrina da ciência*: “a intuição da atividade pura que não é nada fixa, e sim progresso, não um ser, mas uma vida” (p. 274, *Oeuvres choisies de philosophie première*, Paris, Vrin [tradução francesa de A. Philonenko, 1964]). Sobre a vida segundo Fichte, cf. *Initiation à la vie bienheureuse*, Paris, Aubier [tradução francesa de Max Rouché, 1944] (e o comentário de Gueroult, p. 9).

do com a morte.⁴ A vida do indivíduo deu lugar a uma vida pessoal e, contudo, singular, que resgata um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade daquilo que ocorre. “*Homo tantum*”ⁱⁱ de que todo mundo se compadece e que alcança um tipo de beatitude. É uma hecceidade, que já não é de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal, pois o sujeito apenas, que a encarnava no meio [*milieu*] das coisas, é que a tornava boa ou ruim. A vida de tal individualidade se apaga em proveito da vida singular imanente [362] a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...

Nem seria preciso conter uma vida no simples momento em que a vida individual afronta a universal morte. Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que atravessa este ou aquele sujeito vivo e aos quais certos objetos vividos dão a medida: vida imanente levando consigo os acontecimentos ou singularidades que nada fazem senão atualizar-se nos sujeitos e nos objetos. Esta vida indefinida, ela mesma não tem momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio em que se vê o acontecimento ainda por vir e já tendo chegado, no absoluto de uma consciência imediata. A obra romanesca de Lernet-Holeniaⁱⁱⁱ coloca o acontecimento num entre-tempo que pode engolir regimentos inteiros. As singularidades ou os acontecimentos constitutivos de uma vida coexistem com os acidentes d'a vida correspondente, mas não se agrupam nem se dividem do mesmo jeito. Eles se comunicam entre si de toda um outro jeito que não o dos indivíduos. Parece mesmo que uma vida singular pode prescindir de toda individualidade, ou de todo outro concomitante que a individualize. Por exemplo, todas as crianças pequerruchas se assemelham, e elas não têm tanta individualidade; mas têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são caracteres subjetivos. As crianças pequerruchas são atravessadas por uma vida imanente que é pura

⁴ Dickens, *L'Ami commun*, III, cap. 3, Pléiade.ⁱ

potência, e até mesmo beatitude, através dos sofrimentos e das fraquezas. Os indefinidos de uma vida perdem toda indeterminação na medida em que preenchem um plano de imanência ou, o que dá estritamente no mesmo, constituem os elementos de um campo transcendental (a vida individual, pelo contrário, permanece inseparável das determinações empíricas). O indefinido como tal não marca uma indeterminação empírica, mas uma determinação de imanência ou uma determinabilidade transcendental. O artigo indefinido não é a indeterminação da pessoa sem ser a determinação do singular. O Uno não é o transcendente que pode conter até a imanência, mas o imanente contido em um campo transcendental. Uno é sempre o indício de uma multiplicidade: um acontecimento, uma singularidade, uma vida... Pode-se sempre invocar um transcendente que tombe para fora do plano de imanência, [363] ou até mesmo que se lhe atribua, só que toda transcendência se constitui unicamente na corrente de consciência imanente própria a este plano.⁵ A transcendência é sempre um produto de imanência.

Uma vida contém apenas virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. O que se diz virtual não é algo a que falta realidade, mas que se engaja num processo de atualização, seguindo o plano que lhe dá sua realidade própria. O acontecimento imanente se atualiza num estado de coisas e num estado vivido que fazem com que ele ocorra. O plano de imanência, ele mesmo se atualiza num Objeto e num Sujeito aos quais se atribui. Porém, por menos separáveis que sejam de sua atualização, o plano de imanência é ele mesmo virtual, tanto quanto são virtualidades os acontecimentos que o povoam. Os acontecimentos ou singularidades dão ao plano toda sua virtualidade, assim como o pla-

⁵ Até mesmo Husserl reconhece isto: “O ser do mundo é necessariamente transcendente à consciência, mesmo na evidência originária, e nela permanece necessariamente transcendente. Mas isto em nada muda o fato de que toda transcendência se constitui unicamente na *vida da consciência*, como que inseparavelmente ligada a esta vida...” (*Méditations cartésiennes*, Paris, Vrin, p. 52 [tradução francesa de Gabrielle Peiffer e Emmanuel Levinas, 1ª ed., 1931]). Este será o ponto de partida do texto de Sartre.

no de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena. O acontecimento considerado como não-atualizado (indefinido) de nada carece. Basta colocá-lo em entrelace com seus concomitantes: um campo transcendental, um plano de imanência, uma vida, singularidades. Uma ferida se encarna ou se atualiza em um estado de coisas e em um vivido; mas ela própria é um puro virtual sobre o plano de imanência que nos arrasta numa vida. Minha ferida existia antes de mim...⁶ Não uma transcendência da ferida como atualidade superior, mas sua imanência como virtualidade sempre no seio de um meio [*milieu*] (campo ou plano). Há uma grande diferença entre os virtuais que definem a imanência do campo transcendental e as formas possíveis que os atualizam e que transformam o campo em algo de transcendente.

RODAPÉ DA TRADUÇÃO

ⁱ *Our Mutual Friend* foi o último romance escrito por Charles Dickens, publicado como livro em 1865 (Londres, Chapman & Hall). A tradução referida por Gilles Deleuze é de Lucien Carrive, Sylvère Monod e Renée Villoteau (Paris, Gallimard, 1991).

ⁱⁱ *Homo tantum*, expressão latina que poderia ser traduzida por “meramente homem”; ou “homem, simplesmente”; ou ainda “homem sem qualidades”.

ⁱⁱⁱ Alexander Lernet-Holenia (1897-1976). “Suas peças, pelas quais foi premiado com o Prêmio Kleist em 1926, trouxeram-lhe uma fama precoce. Ele era um dos últimos representantes literários da antiga Áustria e tinha um olhar agudo para o presente. Similar a Graham Greene, sua obra pode ser dividida em entretenimento, textos escritos principalmente para ganhar dinheiro, e trabalhos literários mais sérios. O próprio Lernet-Holenia considerava sua poesia como sendo sua maior realização. Isso não deve desviar-nos da grandeza de seus melhores romances — *Die Standarte*, *Mars im Widder*, *Bei der Sizilien*, *Der Graf von Saint-Germain* e *Der Graf Luna* — e seus contos de mestre, como *Der Baron Bagge* e *Der blinde Gott*, reunidos em *Mayerling*. E não pode haver dúvida de que alguns de seus trabalhos mais leves, como *Der Mann im Hut*, *Die Auferstehung des Maltravers* ou *Ich war Jack Mortimer*

⁶ Cf. Joë Bousquet, *Les Capitales*, Le Cercle du Livre [1955].

— escritos na inconfundível prosa de Lernet-Holenia, remanescente de Heinrich von Kleist — permanecem ainda hoje fonte de entretenimento cheio de suspense.” (Esta breve apresentação foi traduzida do site www.jbeilharz.de/autoren/lernet). Infelizmente, não há traduções para o português, até onde foi possível saber, para nenhum de seus textos.